

# CIDADE DE GIZ: EXPERIMENTAÇÕES GRÁFICAS

DOI  
10.11606/issn.2525-3123.  
gis.2022.189143

ORCID  
<https://orcid.org/0000-0002-3371-3918>

**JEFERSON CARVALHO DA SILVA**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508-010 –  
fla@usp.br

## **SOBRE INVENÇÕES E DESENCONTROS**

O sol timidamente desponta entre as nuvens que cobrem o céu das sete e meia da manhã. O ritmo das ruas é calmo e meus passos percorrem o cimento das calçadas, moldando-se por meio das formas irregulares das pedras. Olho atento os movimentos do entorno, observo as vitrines, as portas das lojas ainda fechadas, os postes com suas camadas de papéis e símbolos sobrepostos. Por um instante, desvio o olhar e minha atenção se detém em marcas que se encontram no chão: feitas de giz e, à primeira vista, não parecem obedecer algum tipo de padrão.

Pergunto-me: quando começa e quando termina o trabalho de campo etnográfico? Desde a primeira vez que encontrei as inscrições de giz pelas calçadas, paredes e postes das ruas de Viçosa (MG), uma espécie de “instinto etnográfico” (Peirano 2014) despertou em mim. Quem havia feito aquelas marcas? Por qual motivo? O que significavam? Foram perguntas que me acompanharam por um bom tempo. À época, ainda não estava desenvolvendo nenhum trabalho específico, como faria mais tarde, mesmo assim, passei a procurar as tais marcas em meus percursos cotidianos.

Segundo Ulf Hannerz (2015), é muito provável que as etnografias sejam o “produto mais característico do trabalho antropológico”. Tratam-se de contribuições por onde as teorias antropológicas se alimentam e se reinventam a partir das recombinações de cunho intelectual e das práticas inventivas adotadas por pesquisadores/as (Peirano 2014). Assim, cada etnografia possui suas singularidades, postas pelas

subjetividades dos/as antropólogos/as e pelas implicações dos contextos que estão sendo observados.

Etnografar as cidades e seus espaços nos leva, então, a uma experiência singular das abordagens etnográficas e antropológicas. A depender dos métodos e recortes utilizados, pode ser uma das maneiras de se aproximar de composições citadinas caleidoscópicas, múltiplas e polifônicas. Uma forma de olhar um todo complexo em constante processo de transformação, por meio de suas microações e microrresistências que despontam a cada esquina. É um convite ao acaso e ao inesperado, onde a matéria bruta opera sobre as constelações simbólicas, ao mesmo tempo em que estas implicam em suas concepções materiais. Entendendo, assim, que: “A cidade, cada cidade, se parece com seus criadores, que são feitos pela cidade” (Silva 2011, XXVI).

Quando comecei a observar atentamente as marcas de giz pelas ruas de Viçosa, passei a perceber certas semelhanças: as grafias eram feitas de tal forma que entendi que estavam sendo traçadas pela mesma pessoa. As inscrições não tinham local certo para aparecer, surgiam no chão das ruas, nas calçadas, nos postes, nas portas de lojas, nos muros, em placas e outras superfícies. O material se repetia: eram letras, números, desenhos, palavras e frases feitas em giz, apesar de também ter encontrado papéis variados com marcas semelhantes feitas com caneta. Não raras vezes, me deparei com folhetos de supermercado, bilhetes de loteria, páginas de livros e outros papéis pregados ou encaixados em postes, árvores e lixeiras.

Não sabia quem deixava estes artefatos e inscrições pela cidade, apenas alimentava suspeitas imaginárias. Em uma cartografia descontínua, subjetiva e inesperada, meus caminhos se cruzavam com essas narrativas, ao mesmo tempo em que se desencontravam com os de seu/sua criador/a. Uma vez que eu não sabia quem era esta pessoa, todas as pessoas poderiam ser ela.

Dessa maneira, estava (etno)graficamente “inventando” (Wagner 2017) um alguém a partir das pistas que esta pessoa deixava espalhadas pela cidade. Pistas em uma composição tão efêmera e inconstante quanto os rastros de quem as traçava. Dado seus processos e sua matéria, as marcas de giz desapareciam, tornavam-se opacas ou surgiam com força, como que feitas recentemente. Essa imprevisibilidade e o caráter efêmero das marcas de giz acentuavam nossos desencontros.

Algum tempo depois que vi os rabiscos de giz pela primeira vez, comecei a percorrer a cidade tendo em vista experimentos etnográficos para o projeto

“Narrar a cidade: a poética e a política do cotidiano”<sup>1</sup> e passei a encontrar novos rabiscos com certa frequência. Durante esse período, após conversar com amigos próximos<sup>2</sup> sobre as tais marcas, recebi o relato de um deles que disse ter visto um homem inscrevendo-as ao entardecer em frente à Câmara Municipal da cidade. Eu tinha aqui a minha primeira pista sobre quem poderia ser essa pessoa que rabisca a cidade com pedaços de giz, mas, infelizmente, foi a única. Fora esse relato, não obtive mais informações sobre as aparições desse tal homem, mesmo que suas marcas continuassem a aparecer pelas ruas.

Meus encontros com as inscrições do “Homem de Giz” (como passei a chamá-lo intimamente) duraram meses. Como elas não tinham frequência ou local definido para surgir, prossegui com os experimentos do projeto, deixando que as marcas me surpreendessem. Quando possível, registrava-as com o celular ou recolhia alguns dos papéis deixados pelos postes; outros, apenas observava, olhando em volta na esperança de que seu dono estivesse por perto. O acaso se tornava um dos elementos do trabalho de campo, a cidade e os processos de expressão e criação do Homem de Giz me guiavam nesse mapa instável, numa cartografia flutuante.

Em um trabalho anterior (Silva 2020), onde apresento o esboço de ampliação das categorias de “inscrição” e “circulação” abordadas por Teresa Caldeira (2012) em seu artigo “Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”, menciono esses encontros com o Homem de Giz. Todavia, suas experiências se mostram de tal forma indisciplinadas e mutantes que escapam a qualquer definição. Sua existência e suas criações fogem das tentativas de limitação do pensamento e de ordenação do espaço urbano. Essas inscrições revelam, como aponta Caldeira (2012, 39), um processo de “representação de si mesmo” em que o Homem de Giz passa “a dominar uma produção própria de signos”.

Se em alguma medida, na abordagem anterior, tentei aplicar um “olhar disciplinado para ver a cidade” (Uriarte 2013), hoje entendo que esse olhar pode se tornar um tanto quanto limitador e dominado, sendo ele apenas uma das maneiras possíveis de se observar as dinâmicas da cidade. Entretanto, formas sensíveis de experiência e produção dos espaços citadinos despontam a cada canto, não disciplinadas, transgressoras, desviantes como as do Homem de Giz. Observar essas formas de expressão e existência caminharia para o que poderia ser chamado metodologicamente de “olhares indisciplinados para ver a cidade”, compreendendo que olhar algo ou alguém é uma ação política imersa em dinâmicas de poder (hooks 2019).

1. Pesquisa realizada entre os meses de março e setembro de 2019, orientada pelo Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, a quem deixo meus agradecimentos.

2. Aproveito para agradecer: Andre Aguiar, meu companheiro de caminhadas e errâncias, e Matheus Freitas, por seu relato sobre o Homem de Giz.

Durante o tempo em que morei em Viçosa, não me encontrei com o Homem de Giz, me aproximei apenas de suas grafias, de seus artefatos espalhados pelas ruas, de seus relatos de passagem inscritos nas pedras da cidade. Nossa relação se construiu em uma cartografia de desencontros etnográficos. Diante disso, retomo a pergunta posta no início deste texto: quando começa e quando termina o trabalho de campo etnográfico? E a ela acrescento outras: nossas pesquisas só possuem a duração da entrega dos trabalhos? Da escrita de artigos e monografias? Da vigência das bolsas de estudos? Ou nossas pesquisas nos acompanham e se iniciam para além?

Digo isso, pois minhas inquietações e esse “instinto etnográfico” (Peirano 2014) em relação aos processos de criação do Homem de Giz se iniciaram antes do início formal de uma pesquisa, acompanharam o seu desenvolvimento, o seu término, e se estenderam para além. Após ter me mudado de Viçosa, de ter concluído a graduação e ter encerrado a pesquisa mencionada anteriormente, tive que retornar à cidade para resolver algumas pendências. E, justamente neste retorno, ao caminhar pelas ruas sem maiores expectativas, encontrei o Homem de Giz riscando as pedras da calçada em que eu estava passando. Não me aproximei, fiquei observando-o por alguns instantes e continuei a caminhar novamente. Preferi que assim fosse.

Em um “exercício de ficção antropológica” (Viveiros de Castro 2002, 123), retorno a esse material e a essas experiências aqui, recorrendo à imaginação e às experimentações gráficas para me aproximar e apresentar os processos de criação do Homem de Giz. Inspirado por Eduardo Viveiros de Castro (2002, 123), a “experiência, no caso, é a minha própria [...] e o experimento, uma ficção controlada por essa experiência”. Relatar isso agora me deixa próximo das formas de pensar e se inscrever na cidade aos modos do Homem de Giz, por meio de seus traços e de suas grafias.

Riscar linhas no papel, fazer desenhos, pode ser uma das maneiras de entrar em contato com as formas sensíveis de expressão e construção das cidades. De adentrar um espaço imaginário, uma constelação de símbolos e matérias. Como aponta Michael Taussig (2011, 13), “os desenhos aparecem como fragmentos que sugerem um mundo além, um mundo que não precisa ser explicitamente registrado e, de fato, é ainda mais ‘completo’ porque não pode ser concluído”<sup>3</sup>. As cidades nos aproximam disso: são construções da imaginação humana que se destroem e se reconstróem a cada instante; são mutantes e apresentam-se em contínuo processo de criação, em permanente inconstância e incompletude.

Como dito anteriormente, etnografar as cidades e os seus espaços nos leva a uma experiência singular das abordagens etnográficas e antropológicas.

3. Tradução do autor.

Ademais, etnografar as cidades tendo as grafias e desenhos enquanto modos de adentrar suas narrativas e formas de expressão pode ser uma das maneiras de se acercar das composições múltiplas e caleidoscópicas retrabalhadas cotidianamente por seus habitantes. Pois, “Tal como as linhas de um desenho, as linhas da vida social manifestam histórias de devir em um mundo que nunca está completo, mas sempre em andamento” (Ingold 2015, 317).

Uma antropologia redesenhada, como propõe Tim Ingold (2015), que toma o desenho como metáfora e metodologia, descreve e conhece o mundo por meio de suas formas, vinculações e movimentos. Essa antropologia, a “antropologia gráfica” ou “antropografia”, não almeja “uma descrição completa do que já existe, ou já existiu, mas a se unir a pessoas e outras coisas nos movimentos de sua formação” (Ingold 2015, 319). Nesse sentido, ao me aproximar das grafias do Homem de Giz, ao experimentar graficamente seus modos de pensar e se inscrever nos espaços, compreendi e imaginei – mesmo incompleta e inconstantemente – sua experiência mútua de construção da cidade.


A cidade que se forma por meio das inscrições do Homem de Giz, que pulsa em seus caminhos, trajetórias e grafias, é sua invenção (Wagner 2017). Ao mesmo tempo, o Homem de Giz é uma invenção da própria cidade. Encontrar-me com o Homem de Giz, então, é me encontrar com a própria cidade. Esta que, por sua vez, também me inventa, ao mesmo tempo em que invento o Homem de Giz.

Esse movimento faz parte da “ficção antropológica” que aqui se apresenta na tentativa de me aproximar da “cidade em si mesma” (Agier 2011). Assim, entendo que a cidade de giz – que pode ser a cidade de Viçosa, ou as cidades de Viçosa, que se apresentam nas grafias minhas ou do Homem de Giz – funda-se independente dos encontros ou desencontros etnográficos. Ela pulsa nas relações e constelações de matéria e símbolos que despontam e são imaginados a todo instante.

### **SOBRE OS EXPERIMENTOS GRÁFICOS**

De acordo com Fabiana Bruno (2019, 200): “Os desafios com as imagens nas pesquisas em ciências humanas, particularmente na antropologia, implicam rigorosos ‘atos’ e ‘movimentos’ de trabalho: olhar, selecionar, cortar, reenquadrar, deslocar, associar, imaginar, montar e dispor de maneira a ‘fazer ver’”.

Diante disso, inspiradas nos encontros com os artefatos dos processos criativos do Homem de Giz, as grafias (imagens de tipos diversos, modos de inscrição como a escrita, o desenho, a fotografia etc.) aqui apresentadas surgiram a partir de experimentações em diferentes técnicas e formas de



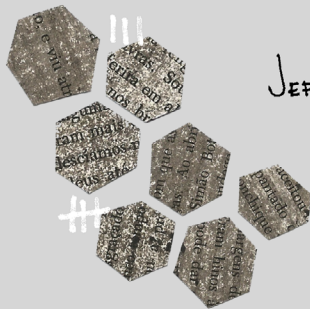
composição. Em sua maioria, foram realizadas manualmente, a partir de recortes, pinturas com giz e lápis de cor, desenhos com lápis e caneta nanquim, em folhas para desenho de 140g, papel vegetal, entre outros. Logo após, foram digitalizados, recortados e modificados digitalmente. Nesse processo de edição digital, algumas frases foram adicionadas à composição da narrativa gráfica.

As fotografias foram realizadas com meu próprio celular ao longo de caminhadas cotidianas e experiências erráticas. Há também a apresentação de dois artefatos com intervenções em caneta esferográfica, encontrados nas ruas de Viçosa e feitos pelo próprio Homem de Giz: o primeiro, um bilhete de loteria, o segundo, uma página solta de, possivelmente, um livro didático.

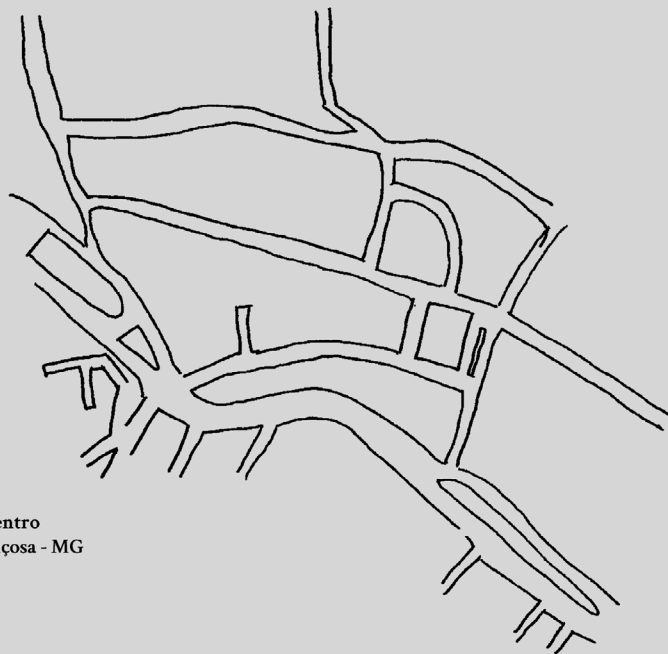
# CIDADE DE GIZ

experimentação gráfica e desenhos etnográficos

JEFERSON CARVALHO



desencontros  
em uma  
cartografia descontínua



Centro  
Viçosa - MG

um mapa instável  
inconstante

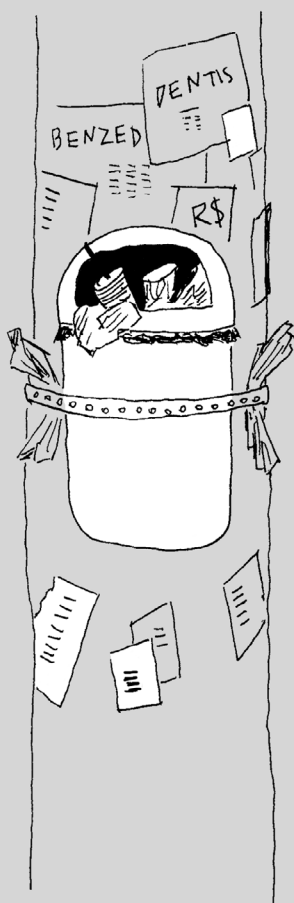




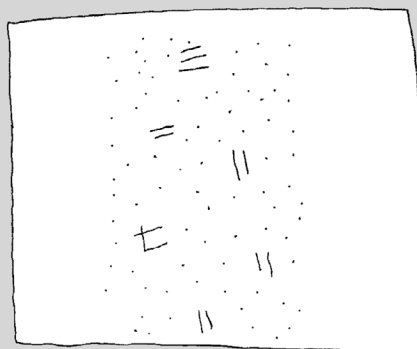
SETE E MEIA  
DA MANHÃ



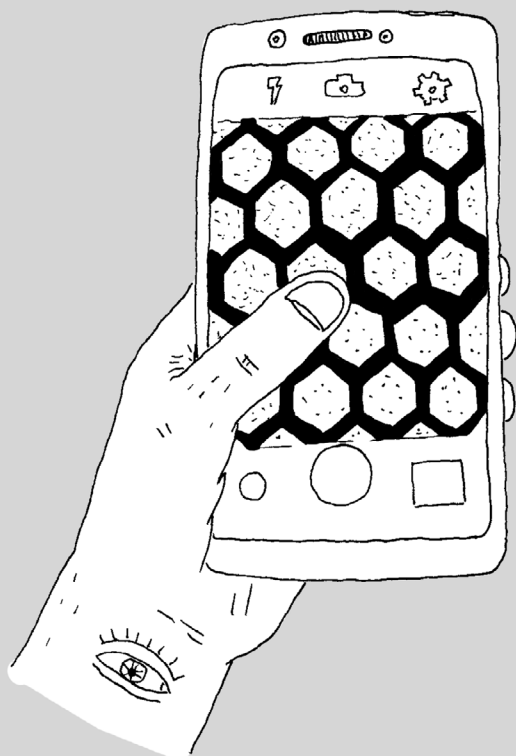
MEUS PASSOS  
PERCORREM  
O CIMENTO  
DAS CALÇADAS



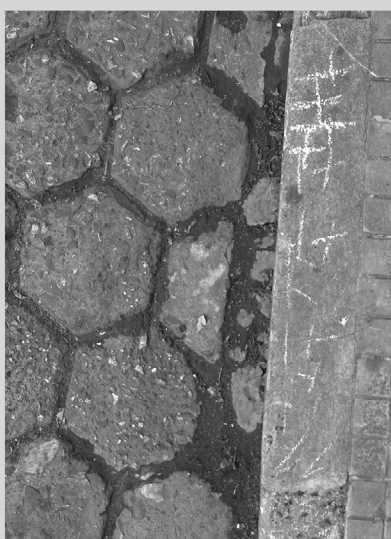
MARCAS  
DE GIZ  
NO CHÃO



O QUE ELAS  
SIGNIFICAM ?



passo a tomar notas  
das marcas que encontro

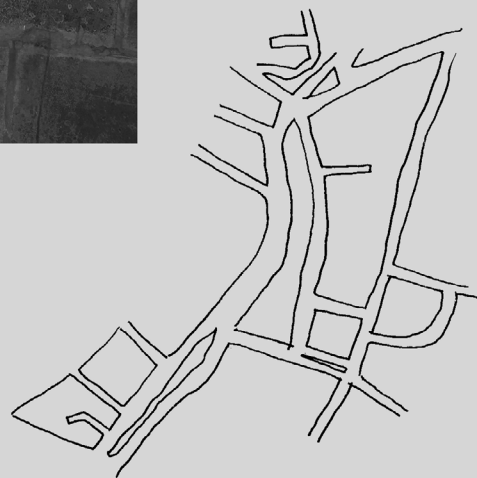


efêmeras



não sei onde e  
quando elas podem surgir





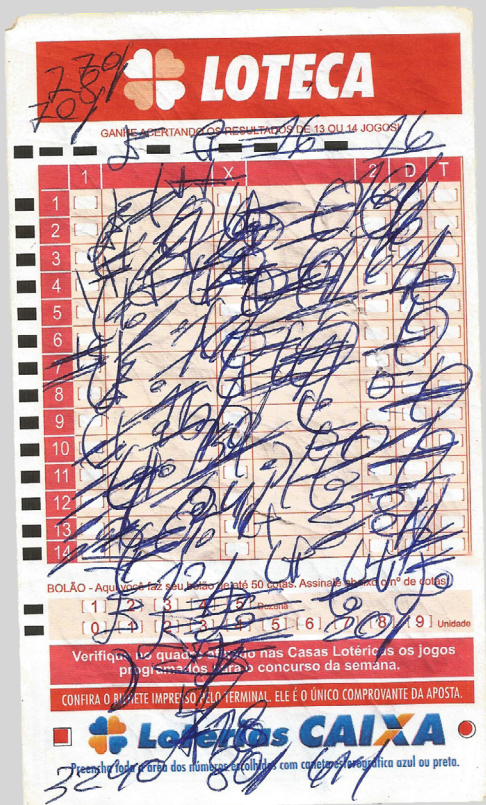
elas se multiplicam,  
desaparecem...





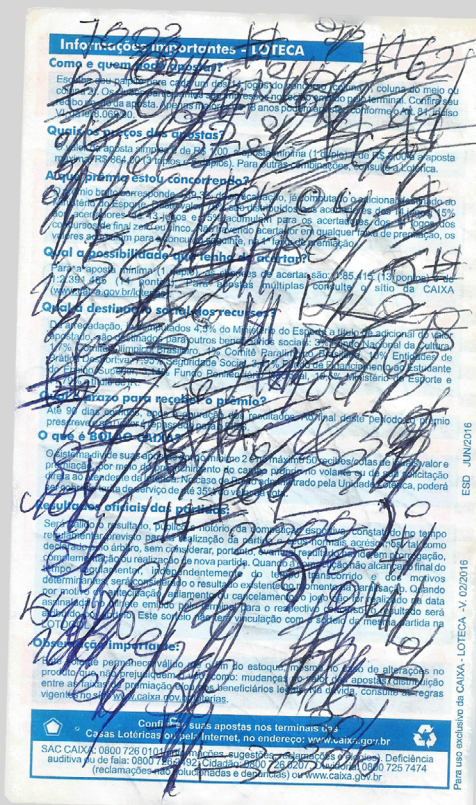
e tornam a  
aparecer





e encontro artefatos espalhados pela cidade

instigado, observo as ruas com atenção redobrada



nos postes, árvores e lixeiras...  
em caneta e com grafias semelhantes

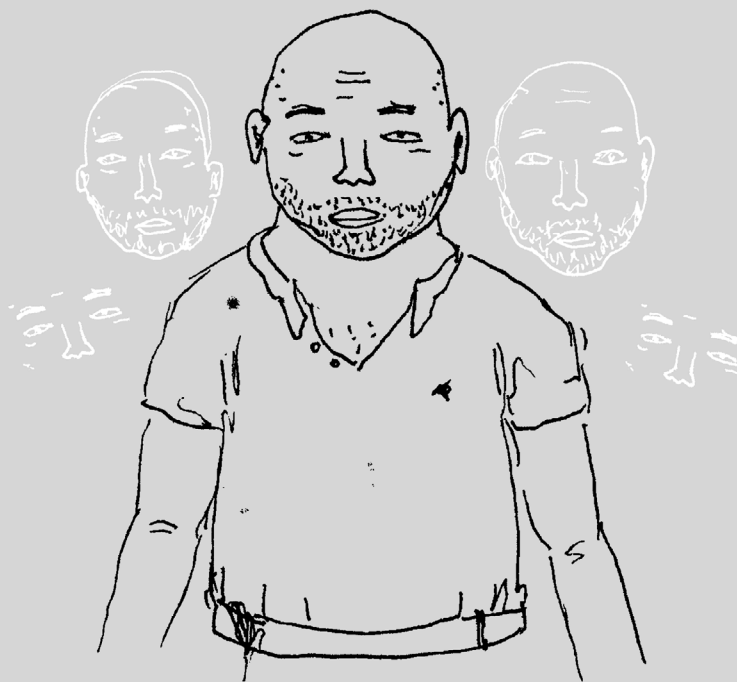
Antigo calendário usado pelos agricultores na Europa.

No antigo calendário que acabamos de ver, usado pelos agricultores na Europa, você pode observar que:

- cada imagem corresponde a um mês do ano. A primeira imagem corresponde a janeiro e a última, a dezembro;
- para cada um dos meses, há uma atividade, como colheita e plantio;
- há meses em que o céu está um pouco mais escuro do que em outros, representando diferentes épocas do ano.

196

aos poucos entendo que  
as grafias são feitas pela  
mesma pessoa...



mas quem?

me dizem que um homem negro, de meia idade,  
estava inscrevendo as marcas ao entardecer  
em frente à Câmara Municipal, no Calçadão

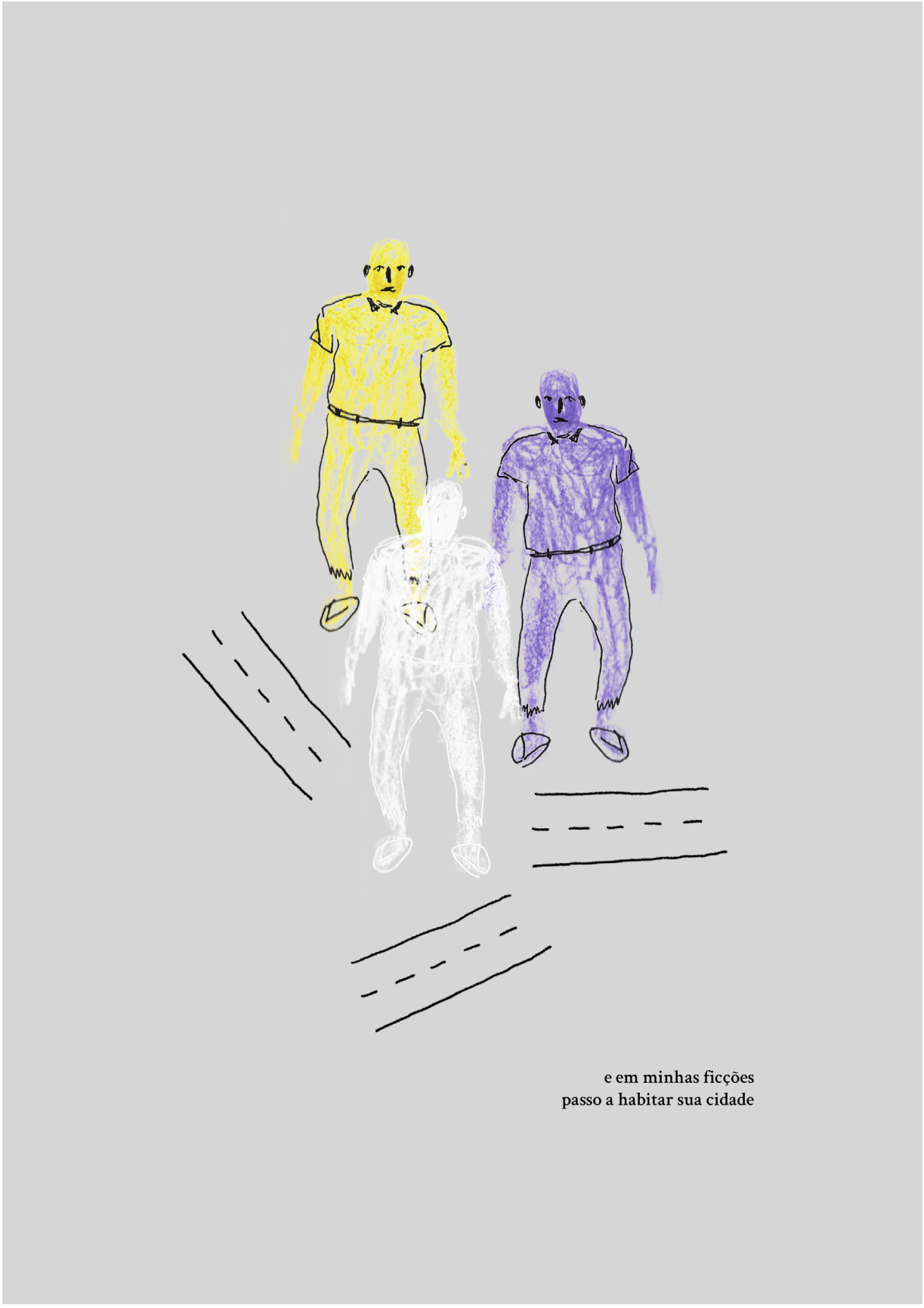
o procuro, em vão...  
passo a imaginá-lo





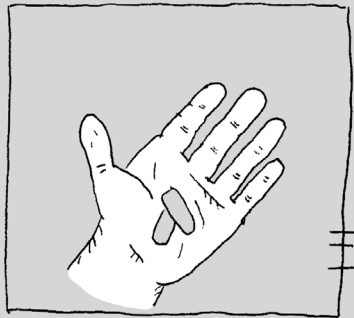


**me pergunto:**  
**como inscrever-se**  
**na cidade aos modos**  
**do Homem de Giz?**

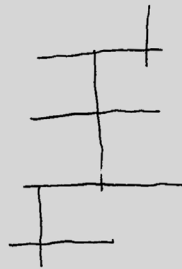
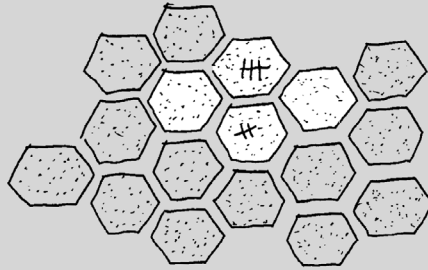


e em minhas ficções  
passo a habitar sua cidade

UMA CIDADE  
INVENTADA

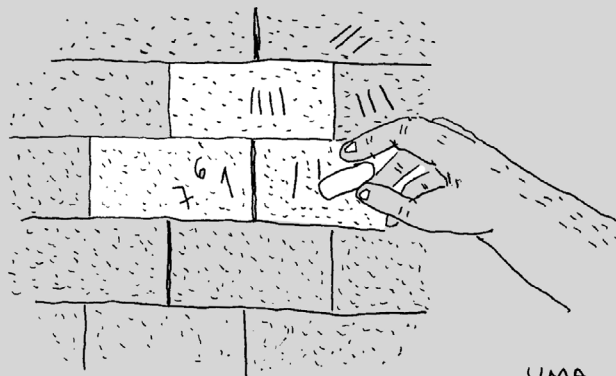
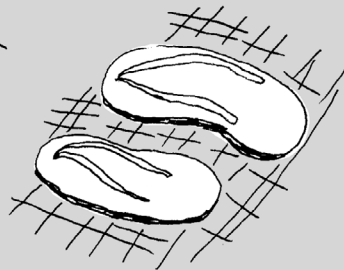


QUE PULSA EM  
SEUS CAMINHOS  
E GRAFIAS



Z O  
X

01



UMA CIDADE  
DE GIZ

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agier, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome
- Bruno, Fabiana. 2019. Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: imagens, palavras, montagens. *Tessituras* 07(02): 198-212
- Caldeira, Teresa Pires do Rio. 2012. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Tradução de Claudio Alves Marcondes. *Novos Estudos – CEBRAP*, 94: 31- 67. Acesso em 18 ago 2019. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000300002>
- Hannerz, Ulf. 2015. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana* [ebook]. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes
- Hooks, Bell. 2019. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. In: *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante Editora
- Ingold, Tim. 2015. Desenho fazendo escrita. In: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes
- Peirano, Mariza. 2014. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos* 20(42): 377-391
- Silva, Armando. 2011. *Imaginários urbanos*. Tradução de Mariza Bertoli e Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva
- Silva, Jeferson Carvalho da. 2020. Cidade política, cidade poética: inscrição, circulação e cotidiano na cidade de Viçosa (MG). *Equatorial* 7(13): 01-28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2020v7n13ID19968>
- Taussig, Michael. 2011. *I Swear I Saw This: drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: University of Chicago Press, 2011
- Uriarte, Urpi Montoya. 2013. Olhar a cidade. *Ponto Urbe* 13(01): 01-14. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.774>
- Viveiros de Castro, Eduardo. 2002. O nativo relativo. *Mana* 08(01): 113-148. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>
- Wagner, Roy. 2017. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora.

## RESUMO

Neste ensaio gráfico, apresentam-se os processos criativos de invenção e ocupação da cidade realizados por um dos habitantes de Viçosa, Minas Gerais. Seguindo suas inscrições efêmeras, adentramos uma cartografia descontínua de desencontros etnográficos, aproximando-nos de espaços construídos e imaginados cotidianamente. Este experimento se torna, assim, uma tentativa de pensar e se inscrever na cidade aos modos do Homem de Giz, por meio de seus traços e de suas grafias. Em um “exercício de ficção antropológica”, inspirado por Eduardo Viveiros de Castro, onde os desenhos tornam-se centrais metafórica e metodologicamente, como propõe Tim Ingold, acercamo-nos de uma abordagem antropológica a partir da “cidade em si mesma”, apontada por Michel Agier.

## ABSTRACT

This graphic essay presents the creative processes of invention and occupation of the city produced by one of the inhabitants of Viçosa, Minas Gerais. Following their ephemeral inscriptions, we enter in a discontinuous cartography of ethnographic (dis)encounters, approaching us of spaces constructed and imagined on a daily basis. This experiment is an attempt

### PALAVRAS-CHAVE

Antropologia  
Gráfica; Desenho;  
Cidades;  
Etnografia;  
Experimentação.

**KEYWORDS**  
Graphic  
Anthropology;  
Drawings; Cities;  
Ethnography;  
Experimentation.

to think and inscribe in the city on the ways of the Chalk Man, through his drawings and lines. In an “exercise of anthropological fiction”, inspired by Eduardo Viveiros de Castro, where drawings and lines become central metaphorically and methodologically, as proposed by Tim Ingold, we get close to an anthropological approach based on the “city itself”, as pointed out by Michel Agier.

**JEFERSON CARVALHO DA SILVA** é mestrando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pesquisador do Laboratório de Desenho & Antropologia (LABareDA – UFPB) e do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem (LA'GRIMA – Unicamp). Estuda processos artísticos, gráficos e visuais enquanto forma de investigação e descrição etnográfica. E-mail: jefercarvsilva@gmail.com

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 04/08/2021  
Aprovado: 14/09/2021